

O ARQUITETO NÃO É UM LACAIO ESTETIZANTE

LINO, SULAMITA FONSECA

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Departamento de Arquitetura e Urbanismo.

Endereço Postal: Escola de Minas da UFOP

Campus Morro do Cruzeiro s/n, Morro do Cruzeiro. Ouro Preto. MG. Brasil.

Cep 35.400-000

E-mail: sulamitalino@gmail.com

Palavras-chave: arquitetura, construção, estética

Resumo

Este trabalho pretende apresentar as possíveis aproximações entre os textos do arquiteto suíço Hannes Meyer e do arquiteto brasileiro Sérgio Ferro. Apesar de terem vivido em contextos distintos: o primeiro trabalhou na Alemanha, na URSS e no México entre as décadas de 1920 a 1940; o segundo trabalhou no Brasil nas décadas de 1960 e 1970; seus textos apresentam alguns aspectos em comum tais como: a ruptura com a questão estética na arquitetura, a importância da construção e seus processos, e a visão positiva na standardização dos componentes da construção. Neste trabalho pretendo abordar alguns desses aspectos e mostrar, que mesmo em contextos tão diferentes, existem muitas afinidades entre o pensamento de Hannes Meyer e de Sérgio Ferro.

Abstract

This paper to present the possible similarities between the texts of Hannes Meyer and Sergio Ferro. They having lived in different contexts: the first one worked in Germany, USSR and Mexico between the decades from 1920 to 1940, the second one worked in Brazil in the 1960s and 1970s. Their writings have something in common such as: to deny the aesthetics in architecture, the importance of processes in construction, and positive look on the standardization of building components. In this paper I intend to address some of these aspects and show that even in such different contexts, there are many affinities between the thought of Hannes Meyer and Sergio Ferro.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo presentar las posibles similitudes entre los textos del arquitecto suizo Hannes Meyer y el arquitecto Sergio Ferro. A pesar de haber vivido en diferentes contextos: el

primero trabajó en Alemania, en la URSS y en México, entre las décadas de 1920 y 1940, el segundo trabajó en Brasil en los años 1960 y 1970, sus escritos tienen algunas características comunes, tales como: romper con la estética de la arquitectura, la construcción y la importancia de sus procesos, y la perspectiva positiva sobre la normalización de los componentes de construcción. En este artículo me propongo abordar algunos de estos aspectos y demostrar que aún en contextos tan distintos, hay muchas afinidades entre el pensamiento de Hannes Meyer y Sergio Ferro.

1. INTRODUÇÃO

A afirmação de Hannes Meyer, escolhida para título deste trabalho, que “o arquiteto não é um lacaio estetizante” demonstra, a princípio, uma ruptura com a idéia de que o arquiteto não deveria ter compromisso com as questões estéticas na produção dos projetos arquitetônicos. Isso seria algo contraditório, tendo em vista que o que separaria a arquitetura das demais construções ordinárias seriam exatamente seus atributos estéticos. Por isso, essa afirmação entra em choque com o conceito, amplamente apresentado na historiografia da arquitetura, de que o edifício para ser arquitetura deve ter alguma distinção dos demais: seja por sua forma significativa, sua capacidade de emocionar, sua *arché*, seus atributos formais, etc.ⁱ

Mesmo em momentos de ampla demanda de projetos habitacionais, como na Europa Ocidental, no final do século XIX e início do século XX, ou na União Soviética após a Revolução; os arquitetos do chamado *movimento moderno* mantiveram-se fieis a relação entre arquitetura e estética: por isso identificamos facilmente proporções de composições clássicas em projetos de Le Corbusier e Mies van der Rohe, por exemplo.

Além da ruptura com a questão estética, Hannes Meyer definiu arquitetura como “*ciência da construção*” e que o papel do arquiteto seria de “*organizar*” esse processo. Em sua prática profissional na URSS e no México, nas décadas de 1930 e 1940, ele teve oportunidade de experimentar esse processo devido à aplicação de elementos padronizados produzidos industrialmente.

Embora não seja possível encontrar uma influência direta, o trabalho do arquiteto brasileiro Sérgio Ferro, nas décadas de 1960 e 1970, apresenta uma concordância com as definições de Meyer. Ambos têm aspectos em comum em suas obras: como a ruptura com a questão estética na arquitetura, a importância da construção e seus processos, a visão positiva na padronização dos componentes construtivos. Neste trabalho pretendo abordar alguns desses aspectos e mostrar, que mesmo em contextos tão distintos, existem muitas afinidades entre o pensamento de Hannes Meyer e Sérgio Ferro.

2. HANNES MEYER: ARQUITETURA COMO CONSTRUÇÃO

Hannes Meyer elaborou sua obra no período do apogeu do *movimento moderno* na Europa e teve a participação efetiva, em um dos principais acontecimentos que marcaram os paradigmas desse *movimento*: ao ser diretor da escola Bauhaus em Dessau no período de 1929-1930. Contudo, mesmo estando dentro e convivendo com os *grandes mestres* do *movimento moderno*, seu trabalho foi crítico às questões formais e apontou como paradigma o oposto radical, ou seja, o arquiteto como *organizador* do processo construtivo.

No texto *construir*, Hannes Meyer elaborou as seguintes definições em tom de manifesto: “*Construir é um processo biológico. Construir não é um processo estético. A arquitetura como materialização das emoções do artista não tem justificativa alguma.*”ⁱⁱ

Em seguida ele apresenta seu método para que projeto da edificação seja realizado com a maior eficiência possível. Inicialmente o arquiteto deve examinar: a rotina de cada habitante para ter um diagrama de suas várias funções no interior da habitação; a interação dos habitantes com o exterior, ou seja, com o carteiro, o pedestre, o visitante, o vizinho, etc; e a relação dos seres humanos e animais com o jardim e os efeitos recíprocos entre os seres humanos, animais domésticos, insetos. Posteriormente, deve-se considerar o estudo da insolação, para garantir o sol nas janelas dos dormitórios, uma boa luminosidade no local de trabalho, e deixar as áreas de sombra no jardim. E por fim, ele ressalta que é fundamental que o projeto garanta a privacidade ótica e acústica com as casas vizinhas.

Hannes Meyer chamou esse projeto de *nova casa*, por ser uma unidade pré-fabricada que deveria ser montada como um produto industrial, standardizado. Por isso, ela seria obra de especialistas: economistas, estatísticos, higienistas, climatólogos, engenheiros industriais, etc; ao arquiteto caberia o papel de *especialista em organização* e não mais do *artista*.

Com suas obras contemporâneas aos grandes projetos do *movimento moderno*, Meyer criticou o trabalho dos *mestres* e, de certa maneira, procurou redefinir o que seria o verdadeiramente *moderno* ao afirmar que o moderno na *nova construção* não eram as coberturas planas, ou a divisão horizontal e vertical das fachadas, mas sim a “*relação direta com a existência humana*” - pois deve-se considerar cuidadosamente as tensões entre os indivíduos, os sexos, os vizinhos, a comunidade e as condições geofísicas.

Em resumo, *construir* seria a organização deliberada dos processos vitais, dos procedimentos técnicos. Construir não seria uma tarefa individual na qual se realizam ambições arquitetônicas e sim um trabalho conjunto de artesãos e inventores.ⁱⁱⁱ

3. SERGIO FERRO: ARQUITETURA E CANTEIRO DE OBRAS

A obra de Sérgio Ferro possuiu uma distancia espaço/tempo significativa do trabalho de Hannes Meyer, no caso, o Brasil a partir da década de 1960. Contudo, uma situação é comum a ambos os contextos. Se na Europa de Meyer era o auge do *movimento moderno*, o mesmo se deu no Brasil no final da década de 1950 com a construção de Brasília. E foi no canteiro de obras da construção da nova capital, que Sérgio Ferro, então estudante de arquitetura, se deparou com as atrocidades do canteiro de obras consolidado em pleno planalto central: de um lado a divisão do trabalho e a precariedade das condições de vida dos operários, do outro a supremacia do desenho, das belas formas da arquitetura de Niemeyer. ^{iv} O *movimento moderno* havia chegado ao seu apogeu ao construir a nova capital brasileira levando em conta todos os princípios propostos pelos *mestres*, contudo, em um país onde a indústria da construção era bastante incipiente, o que se viu foi um canteiro de obras fragmentado e hierarquizado.

A experiência em Brasília foi determinante para Sérgio Ferro elaborar a sua principal obra, *o canteiro e o desenho*, publicada no Brasil em 1976. A tese fundamental desse trabalho é que o desenho domina a produção no canteiro de obras, por ser a mediação entre o trabalhador e seu produto, entre o trabalho e o capital. Isso se dá porque os arquitetos perderam ao longo do tempo, mais precisamente desde o Renascimento, a compreensão das técnicas construtivas no canteiro de obras, o que levou à separação radical entre trabalho intelectual (desenho/projeto) e o trabalho manual (canteiro). ^v

Sérgio Ferro analisou a produção presente no canteiro brasileiro e conclui que: não é industrial, pois não são as máquinas que condicionam o trabalho; não é artesanal, pois o trabalho já foi submetido a uma forma avançada divisão. O que predomina no canteiro é a manufatura, ou seja, a transição entre o trabalho artesanal e a forma industrial, que organiza as equipes em tarefas limitadas e faz com que os trabalhadores percam a totalidade do processo. Nesse sentido, o arquiteto também perdeu a totalidade do processo de produção da arquitetura, por não conhecer os processos no canteiro e ao colocar o desenho como o produto final do seu trabalho (intelectual). A construção, portanto, se dá pelo processo da manufatura, que pode ser heterogênea ou serial: A primeira é a montagem dos elementos pré-fabricados (como foi descrito por Hannes Meyer); a segunda é o trabalho cumulativo no canteiro (predominante no Brasil).

Em seus trabalhos de projeto e construção na década de 1960, desenvolvidos com os arquitetos Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, Sérgio Ferro tentou várias experiências com a manufatura heterogênea e serial. A partir desse trabalho ele tirou algumas conclusões importantes:

. A experiência da manufatura heterogênea, com produtos industrializados foi prejudicada devido à indústria dos componentes do Brasil que era precária e por isso gerou uma série de problemas, como podemos observar no seguinte relato: “o produto industrializado, entretanto, não correspondeu às amostras, e uma série de “defeitos” de fabricação prejudicou o conjunto da proposta, forçando inúmeros expedientes corretivos.”^{vi}

. Com relação à manufatura serial, que se mostrou mais adequada diante do relativo atraso do canteiro de obras brasileiro, Sérgio Ferro relatou: “de significado maior é a organização do construir. A separação dos serviços, por exemplo, em tempos diferentes, evitando superposição de trabalho e as interferências possíveis, é fator de redução considerável de custos.”^{vii}

Contudo, apesar dos vários problemas encontrados na prática do canteiro, ficou uma importante conclusão sobre o projeto arquitetônico, segundo Sérgio Ferro: “dependem do projeto muitas simplificações possíveis: o uso de módulos que facilitam medições, o emprego de materiais de construção de dimensões constantes (o bloco de concreto), a padronização dos caixilhos que auxilia a produção, as instalações elétricas e hidráulicas aparentes e centralizadas, a sistematização de detalhes de acabamento, etc.” E apesar de não achar que as questões estéticas tenham importância na edificação ele aponta para as novas possibilidades surgidas no canteiro: “estas preocupações em nada prejudicam a caracterização arquitetônica mais expressiva. Ao contrário, fazem surgir oportunidades formais inteiramente novas.”^{viii}

4. HANNES MEYER E SÉRGIO FERRO: APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS

Tanto para Hannes Meyer quanto para Sérgio ferro a arquitetura deve ser entendida como *construção* e a questão estética deve ser desconsiderada, a princípio. Contudo, os contextos em que ambos viveram e trabalharam foram muito diferentes, isso provavelmente, fez com suas rupturas com maneira de se pensar a arquitetura sejam distintas mas contenham aproximações possíveis.

Hannes Meyer defende o *construir* dentro do padrão da indústria, pré-fabricado, em série, e coloca o arquiteto como *organizador* desse processo. Se confrontarmos esse ponto de vista com o pensamento de Sérgio Ferro, esse *arquiteto organizador* de Meyer não é aquele que interrompe seu trabalho no desenho e sim o que tem total compreensão do projeto e do canteiro de obras.

Por outro lado, Hannes Meyer não faz qualquer menção ao trabalho do operário, a princípio ele seria um montador alienado no canteiro de obras, o que é uma visão oposta a de Sérgio Ferro, que defende a autonomia do trabalho em canteiro.

Talvez devido à precariedade do canteiro de obras e da indústria dos componentes da construção no Brasil (sem coordenação modular), Sérgio Ferro discuta mais sobre a importância da não alienação do trabalho, tanto do operário quanto do arquiteto. Ao arquiteto caberia buscar um conhecimento sobre os materiais utilizados na construção, e seu projeto (e desenho) deveria estar relacionado com esses materiais, o que evitaria o desperdício. Ao operário, caberia a contribuição no processo de execução da obra e não apenas o conhecimento fragmentado de uma linha de montagem.

Contudo, tanto para Hannes Meyer quanto para Sérgio Ferro *o arquiteto não é um laçao estetizante*, ele é sim o sujeito que compreende todo o processo de produção da arquitetura, que valoriza a construção, e que não é alienado do seu trabalho e de sua realidade produtiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Pedro Fiori (org.). *Sérgio Ferro: arquitetura e trabalho livre*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

ARANTES, Pedro Fiori. *Arquitetura nova: Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, de Artigas aos mutirões*. São Paulo: Editora 34, 2004.

FRAMPTON, Kenneth. *História crítica da arquitetura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MEYER, Hannes. *El arquitecto em la lucha de clases y otros escritos*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1972.

SILVA, Elvan. *Matéria, idéia e forma: uma definição de arquitetura*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994.

ⁱ Elvan SILVA(1994, p.32-47) descreve a diferenciação entre arquitetura e construção em vários períodos desde Alberti até o Modernismo.

ⁱⁱ MEYER (1972, p. 96-97)

ⁱⁱⁱ MEYER (1972, p. 98-99)

^{iv} No relato de Sérgio Ferro sobre a construção de Brasília ele destaca os relatos feitos pelos operários que ele encontrou na prisão, que descreveram a situação de fome, acampamentos cercados, suicídios, disenteria quotidiana. (ARANTES, 2006, p.305) Em concordância com esse relato está o documentário “conterrâneos velhos de guerra” (1991) do diretor Vladimir Carvalho.

^v A relação do desenho e do canteiro de obras pode ser vista também como uma questão de formação, o que no Brasil significa um problema básico. De um lado temos o desenho sendo elaborado por pessoas que cursaram o ensino superior e que, portanto, o aprenderam na universidade. Por outro, temos os operários, que alto índice de analfabetismo, o que impossibilita a princípio a leitura dos desenhos.

^{vi} ARANTES (2006, p.43)

^{vii} ARANTES (2006, p.41)

^{viii} ARANTES (2006, p.41)